

POLANYI, Karl. **A subsistência do homem e ensaios correlatos**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

**Andre Luiz de Souza<sup>1</sup>**  
[andresouza@ufrgs.br](mailto:andresouza@ufrgs.br)

Karl Polanyi nasceu em Viena, em 21 de outubro de 1886, e faleceu em 23 de abril de 1964, em Pickering, Ontário. Foi filho de um engenheiro e empresário húngaro, Michael Pollacsek, e de uma russa, Cecile Wohl, figura familiar na sociedade intelectual húngara. Polanyi estudou nas universidades de Budapest e de Kolozsvár, tornando-se doutor em direito em 1909. Na universidade, ele participou da fundação do Círculo Liberal Galilei, em 1908, movimento cultural húngaro de estudantes radicais, sendo seu primeiro presidente. O autor foi um defensor das mudanças democráticas/socialistas, um severo crítico dos ideais liberais, e asseverava que o sistema de mercado autorregulado foi uma construção utópica do liberalismo clássico, que desencadeou uma catástrofe para a sociedade moderna.

A obra de Karl Polanyi que é foco desta resenha intitula-se *A Subsistência do homem e ensaios correlatos*. O livro, até então inédito em língua portuguesa, foi organizado por sua filha, Kari Polanyi Lavitt, estando estruturado em 16 tópicos, sendo 10 capítulos e 6 ensaios que explicam as suas teses, além de uma introdução ao pensamento de Polanyi, feita pelo economista e sociólogo Michele Cangiani, pesquisador e professor nas universidades de Bolonha, Toronto e Cornell.

O livro apresenta a originalidade das ideias de Karl Polanyi, as quais perpassam vários campos das ciências, com um forte método antropológico, a fim de desvendar os enigmas econômicos, políticos, sociais e culturais das sociedades antigas e das complexas sociedades “modernas”. Esse olhar múltiplo das ciências levou o autor a compreender as nuances da sociedade de mercado capitalista. Nesse sentido, teceu uma análise das sociedades antigas, decifrando os conceitos e as organizações sociais existentes, em que mercado, comércio e moeda não constituíam elementos entrelaçados, mas eram meios enraizados nas instituições sociais que garantiam a organização social da vida em coletividade.

Na primeira parte da obra, composta por 10 capítulos, o autor demonstra a “falácia economicista”, segundo a qual os fenômenos econômicos das sociedades humanas são pertinentes à estrutura moderna de mercado do século XX, em que o “modo de pensar é

---

<sup>1</sup> Sociólogo, doutorando em Sociologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil. Integrante GEPAD: [www.ufrgs.br/agrifood](http://www.ufrgs.br/agrifood) - ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2283-5274>

personificado na mentalidade de mercado” (POLANYI, 2012, p. 47). O autor enfatiza o desconhecimento e o equívoco dos liberais no tocante às práticas de produção e de distribuição ao longo da história da humanidade.

Para Polanyi, a economia de mercado transformou o homem e a sociedade em mercadorias, alicerce necessário para a estruturação do novo sistema econômico da sociedade moderna. Essa mudança drástica da organização social levou a alterações das suas instituições pelo sistema econômico com bases estritamente materiais. Assim, esse modelo de sociedade econômica organizada pela sociedade de mercado, em que todo ser humano visa ao “lucro”, rompe com estruturas passadas, adentrando em um sistema autorregulado de mercado.

Nessa obra, o autor afirma que há dois elementos essenciais para a transformação da economia: a inclusão da terra e do trabalho como mercadorias. Nas sociedades antigas, esses elementos eram essenciais para a organização da vida em sociedade; nas sociedades de mercado, entretanto, transformaram-se em meras mercadorias. Nesse sentido, a vida humana passou a ser gerida pelas leis do mercado autorregulado – situação em que a própria economia capitalista cria as regras que governam a sociedade, tanto através de leis, como também de dispositivos institucionais informais, como a cultura do empreendedorismo.

Polanyi desnaturaliza a noção de economia, à medida que esclarece os dois significados implícitos conceito de econômico: o formal e o substantivo. O primeiro “provém do caráter lógico da relação meios fins [...], desse significado provém a definição de econômico pela escassez” (POLANYI, 2012, p. 63); e o segundo, “o significado substantivo”, aponta para a realidade de que os seres humanos não podem existir sem um meio físico que os sustente. Nesse aspecto, formal e substantivo nada têm em comum.

A perspectiva formal parte de uma escassez dos meios e fins para satisfazer as necessidades humanas e tem como objeto da sua análise o indivíduo que procura maximizar os lucros. Por outro lado, o aspecto substantivista entende a economia como um elemento instituído de interação entre o homem e o ambiente natural e social, caracterizando a economia como plural e de suficiência, e não de eficiência, como preconiza a formal.

O pensador destaca que há várias maneiras de classificar as economias, rompendo com as contradições das falácias economicistas. O processo de integração configurar-se-á à medida que se “institucionalizam os movimentos de bens e pessoas para superar o efeito dos diferenciais de espaço, forjando uma interdependência entre os movimentos” (POLANYI, 2012, p. 83). Nas sociedades do passado, a economia era enraizada nos costumes-hábitos, nas práticas, na política, na religião e nas dinâmicas de união entre tribos. O que prevalecia

eram a dádiva e a contra dádiva nas economias, permeadas de elementos simbólicos que estruturavam as bases sociais de sociedade; a economia, nesse contexto, transpassava as esferas institucionais.

Karl Polanyi compreendia que comércio, dinheiro e mercado são historicamente separáveis e, acima de tudo, incomparáveis, quebrando a primazia do economicismo que sustentava uma origem comum entre esses elementos. Por “falácia economicista”, o autor se refere à estreiteza da concepção filosófica e ao limite dos princípios metodológicos da teoria econômica ortodoxa – construída sobre axiomas irrealistas, que não correspondem aos processos substantivos da economia humana –, a qual associa o conteúdo da noção de economia com o da noção de mercado (SCHNEIDER; ESCHER, 2011). A falácia economicista consiste na identificação artificial da economia com a sua forma de mercado.

O autor demonstra que há várias formas econômicas na sociedade, as quais assumem características e peculiaridades distintivas. Ou seja, são diferentes não somente em suas estruturas, mas também em suas variedades de conjuntos e de valores simbólicos, os quais se fazem presentes em diferentes escalas sociais e históricas, garantindo a existência de uma separação dos conceitos. Segundo o autor, a economia está enraizada na cultura humana e nas relações sociais. Nesse princípio, demonstra as falácias econômicas, que consideravam a sociedade como um instrumento dos mercados autorregulados, comprimindo as relações sociais enraizadas e dependentes à economia.

Outro aspecto fundamental da obra de Polanyi é que o autor faz um reencontro com autores clássicos da sociologia clássica, construindo um debate entre os temas abordados pelos autores. Nota-se um diálogo com as teorias de Weber e Marx, o que deu a Polanyi um arcabouço de análise e problematização da sociedade capitalista e suas formas de interações e formações econômicas do passado e do presente.

Na segunda parte da obra, que congrega os seis ensaios do autor, o leitor perceberá a amplitude e a originalidade das discussões, amparadas pelos clássicos da sociologia. Polanyi tem uma aproximação forte com as concepções weberianas, articulando-as às suas ideias ao longo dos ensaios, a fim de compreender e interpretar a formação da sociedade capitalista, a partir da relação entre economia, sociedade, religião e cultura.

Outro diálogo estabelecido na obra é com o materialismo histórico dialético de Karl Marx. Polanyi concorda com as análises marxianas de que a universalização da atividade econômica – que se iniciou no século XIX – criou uma nova realidade da sociedade moderna, o “sistema oferta-demanda-preço”, isto é, o princípio autorregulador do mercado. Assim, na

perspectiva de Polanyi, a economia de mercado não é um fenômeno espontâneo e natural, mas um projeto político, realizado através da mudança institucional, cuja dinâmica decorre do processo de mercantilização da terra, do trabalho e do dinheiro. Nesse aspecto, Polanyi (2012, p. 209) argumenta que “o capitalismo liberal foi a resposta inicial do homem ao desafio da Revolução Industrial, transformaram a economia humana em sistema de autorregulador de mercado e moldamos nossos pensamentos e valores nessa inovação singular”. Não obstante, o pensador observa alguns equívocos na compreensão marxista, com relação à formação da economia humana. Ele se preocupa com o processo econômico na civilização moderna, mas não oferece qualquer doutrina de determinismo econômico, detalhando esses aspectos em sua obra, o que permitirá ao leitor ter uma compreensão mais plural dos fatos históricos da sociedade de mercado.

Nessa perspectiva, a aproximação com as ideias weberianas ficará mais evidente no desenvolvimento das sínteses de Polanyi. O trabalho desenvolvido por Weber teve um alcance direto no pensamento polanyano, principalmente pela sociologia histórica e o método comparado, que permitiram a Polanyi um amadurecimento do desenvolvimento teórico-analítico das instituições. Segundo Sánchez (2008), seu método de análise institucional permitiu-lhe considerar a esfera econômica como parte da totalidade social, cultural e política em que se inscreve historicamente. Deste modo, Polanyi conseguiu rastrear:

a construção histórica da economia de mercado como um imenso e violento processo social artificial, que não obedeceu às supostas características da natureza humana, mas uma aposta ideológica, axiológica e política radicalmente diferente das formas anteriores em que os grupos humanos haviam organizado e integrado os recursos materiais e seu sustento (SANCHEZ, 2008, p. 1).

Polanyi busca nas bases históricas subsídios para defender que o sistema oferta-demanda-preço não se sustenta com as configurações das sociedades arcaicas. Nessas sociedades, o comércio era movido e organizado geralmente por laços políticos e aspectos culturais que definiam as trocas dos produtos e as suas equivalências, o que não se assemelha às estruturas do modelo atual. Para o autor, o comércio liga os parceiros em uma relação de reciprocidade. Assim, a organização do comércio, nesse caso, costuma ser cerimonial, envolvendo as apresentações mútuas (POLANYI, 2012, p. 149).

Para o sociólogo, o nascimento do *laissez-faire*, isto é, do liberalismo econômico, provocou um choque na visão que o homem civilizado tinha de si mesmo, pois nenhuma sociedade existiu sem uma estrutura de “modelo” produtivo, mas, na sociedade do mercado, modificaram-se as práticas sociais que antes eram enraizadas nas diversas formas de

representações sociais. No século XIX, a economia passou a se organizar em uma esfera destacada e independente dos demais campos que caracterizam a existência do homem em sociedade. Nesse sentido, mercantilizaram-se a natureza e o homem, e a esfera econômica destacou-se de outras instituições da sociedade. Todas as relações humanas materiais e imateriais foram tratadas como mercadorias, como se fossem apenas para venda.

A existência social humana, nesse viés, não pode ser explicada em qualquer sociedade e período histórico, conforme prescreviam os liberais, que asseguravam que a economia era natural na essência da existência humana. Para Polanyi (2012, p. 214-5), no “homem, animal político, tudo é dado por circunstâncias sociais, não pelas naturais [...]”. Ademais, o sociólogo afirma que a modernidade forjou a primeira sociedade econômica na história humana, possibilitando um novo paradigma do homem dito “civilizado”, consolidado na sociedade de mercado autorregulado.

Com essa visão, o pensador faz uma crítica pertinente à filosofia utilitarista e ao materialismo histórico, já que as análises desses campos são limitadas, uma vez que suas teorizações se referem à modernidade. Essas bases teóricas não problematizam a natureza antológica humana na sociedade, mas observam a economia a partir do prisma da Revolução Industrial. Para Polanyi, a filosofia do *laissez-faire*, com seu corolário de uma sociedade mercantil, cai por terra (POLANYI, 2012, p. 233).

Nesse ponto, o sociólogo assevera sua tese de que nas mais variadas sociedades humanas, a ação econômica não era determinante nas relações sociais; o que havia eram diversas práticas e maneiras de organizar/construir/moldar as relações humanas. As estruturas culturais lapidavam as regulamentações econômicas em várias esferas: na religião, na tradição, na política, nos princípios estéticos, na honra e no status. Do mesmo modo, as configurações de integração social da economia se diferem à medida que existem diversas particularidades que podem se relacionar e entrelaçar, mas sem haver nenhuma sequência temporal implicada. A reciprocidade, a redistribuição e as trocas mercantis estão interligadas, em uma sociedade de mercado, na qual predominam as trocas mercantis, porém, inter cruzam-se com as demais. Nesse sentido, “as formas de integração não se apresentam como estágios de desenvolvimento” (POLANYI, 2012, p. 310). Parafraseando o sociólogo, esse mundo baseou-se em uma falácia. Nenhuma motivação humana é econômica em si. Sem as experiências – religiosas, sexuais, estéticas e políticas – seria praticamente impossível a existência de uma experiência econômica *sui generis*.

A obra de Polanyi mostra-se pertinente e essencial para o debate da economia na sociedade do século XXI. Com temas caros às Ciências Sociais, essa obra desvenda as lacunas obscuras construídas pela ciência moderna e clarifica as magnitudes lapidadas com um olhar interdisciplinar das ciências, corporificando a intensidade da essência da história humana, rompendo barreiras e reconstruindo métodos de análise social. Igualmente, o leitor terá oportunidade de ler e dialogar com a contemporaneidade, imprescindível para entender e superar a falácia economicista e os problemas de nosso século.

Polanyi, sem dúvida, foi um expoente teórico do século XX, e suas análises ainda são plausíveis, pois sua obra é um instrumento de pesquisa e de interpretação dos modos de vida na sociedade de mercado, reconstruindo significados para almejar novas reconfigurações pré-estabelecidas pela sociedade capitalista. O fato é que a globalização atual e seu caráter destruidor podem ser compreendidos a partir do que Polanyi nos disse acerca da sociedade de mercado. Mas pode-se insistir sobre outro aspecto: Polanyi estudou, ao mesmo tempo, as economias modernas e as economias tradicionais, o que lhe dá o distanciamento e abre as perspectivas para vislumbrar, no futuro, outras relações da economia-sociedade, além das que conhecemos (ROUSTANG, 2005).

*A subsistência do homem e ensaios correlatos* rompe com os dilemas do mundo atual. Polanyi inaugura uma crítica árdua aos liberais, preconizando as inconsistências de uma sociedade organizada por meio da lei de oferta e procura, cristalizada na sociedade de mercado autorregulado. Essa obra é audaciosa, pois estimula o leitor a desenvolver um olhar crítico em torno das falácias economicistas. Além disso, Polanyi sugere aspectos diferenciados para superar as crises agudas e cíclicas do capitalismo de mercado. A seu ver, a constituição de instituições fortes e reguladoras dará suporte à sociedade para que controle a economia, constituindo novos suportes para refrear a organização de uma sociedade de mercado regulável, preservando as conquistas da vida social na modernidade.

## Referências

POLANYI, K. **A subsistência do homem e ensaios correlatos**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.

ROUSTANG, G. Entrevista. **IHU Online**, São Leopoldo, ano 5, n. 147, 2005. Disponível em: <<http://www.ihuonline.unisinos.br/media/pdf/IHUOnlineEdicao147.pdf>>. Acesso em: 3 jul. 2021.

SANCHÉZ, A. L. La crítica de la economía de mercado en Karl Polanyi: el análisis institucional como pensamiento para la acción. **REIS**, Madrid, v. 86, n. 99, p. 27-54, 2008. Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=759784>>. Acesso em: 3 jul. 2021.

SCHNEIDER, S.; ESCHER, F. A contribuição de Karl Polanyi para a sociologia do desenvolvimento rural. **Sociologias**, Por Alegre, v. 13, n. 27, p. 180-219, 2011. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1517-45222011000200008>>. Acesso em: 3 jul. 2021.

Submetido em março de 2021  
Aceito em abril de 2021